

Condicionantes do recrutamento de brasileiros no espaço universitário francês

Factors influencing the recruitment of Brazilians in the French university environment

Factores que influyen en el reclutamiento de brasileños en el ambiente universitario francés

Jéssica Ronconi* 

Carolina Pulici** 

RESUMO

Este artigo investiga as modalidades de inserção profissional de professores brasileiros em instituições de ensino superior francesas. Com base em estatísticas nacionais, entrevistas semidiretivas e currículos de pesquisadores advindos do Brasil que alcançaram um posto docente na grande área das ciências humanas e sociais, busca-se apreender as condições sociais dessa circulação internacional bem-sucedida e as especificidades dos cargos ocupados no país com o qual o Brasil mantém um dos mais antigos e recorrentes vínculos de cooperação científica. Malgrado a valorização crescente da internacionalização e da diversidade no sistema de ensino superior, os primeiros resultados de uma pesquisa em curso mostram que os modelos de construção da carreira e o histórico das admissões são amplamente condicionados pelo peso da tradição nacional nas ciências humanas e sociais, assim como pela posição desvalorizada do Brasil na divisão internacional do trabalho universitário.

Palavras-chave: circulação internacional, relações centro-periferia, acadêmicos brasileiros, inserção profissional, espaço universitário francês.

* Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Doutoranda em sociologia no *Centre Européen de Sociologie et de Science Politique*, na *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, e no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: jessica.ronconi@ehess.fr

** Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: carolina.pulici@unifesp.br

ABSTRACT

This article investigates the professional integration patterns of Brazilian professors in French higher education institutions. Based on national statistics, semi-structured interviews, and the curricula of researchers from Brazil who have obtained teaching positions in the broad field of humanities and social sciences, we seek to understand the social conditions of this successful international circulation and the specificities of the positions held in the country with which Brazil maintains one of the oldest and most enduring bonds of scientific cooperation. Despite the growing appreciation of internationalization and diversity in the higher education system, the first results of ongoing research show that career development models and admission histories are largely conditioned by the weight of national tradition in the humanities and social sciences, as well as by Brazil's undervalued position in the international division of university labor.

Keywords: international circulation, center-periphery relations, Brazilian academics, professional insertion, French university space.

RESUMEN

Este artículo investiga las modalidades de inserción profesional de profesores brasileños en instituciones de educación superior francesas. Con base en estadísticas nacionales, entrevistas semiestructuradas y currículos de investigadores brasileños que han alcanzado una plaza docente en el amplio campo de las humanidades y las ciencias sociales, busca comprender las condiciones sociales de esta exitosa circulación internacional y las especificidades de los cargos desempeñados en el país con el que Brasil mantiene uno de los vínculos de cooperación científica más antiguos y recurrentes. A pesar de la creciente apreciación de la internacionalización y la diversidad en el sistema de educación superior, los primeros resultados de un proyecto de investigación en curso muestran que los modelos de construcción de carrera y la historia de las admisiones están condicionados en gran medida por el peso de la tradición nacional en humanidades y ciencias sociales, así como por la posición infravalorada de Brasil en la división internacional del trabajo universitario.

Palabras clave: circulación internacional, relaciones centro-periferia, académicos brasileños, integración profesional, espacio universitario francés.

Introdução

Desde os anos 1970, a internacionalização que há muito discrimina socialmente o estilo de vida das classes superiores (Pinçon & Pinçon-Charlot, 2000; Wagner, 2007) passa também a ser crescentemente praticada no âmbito do ensino superior, razão pela qual a circulação de pesquisadores brasileiros no âmbito dos países centrais vem sendo objeto de pesquisas que investigam os efeitos desses intercâmbios internacionais na produção de conhecimento e nos espaços de poder (Engelmann, 2008; Hey, 2008; Martins, 2021). Mas se a formação no exterior foi objeto de estudos que mostraram como esse percurso educacional distintivo constitui um princípio de hierarquização amplamente rentabilizado pelas elites sociais (Pulici, 2020) e acadêmicas (Almeida *et al.* 2004; Schwartzman & Schwartzman, 2015; Bordignon, 2019) do Brasil, este artigo se propõe a percorrer um caminho inverso, centrando-se não no papel dos títulos internacionais na ocupação de postos prestigiados no país de origem, mas nos caminhos abertos por tais diplomas na inserção profissional no país de destino e, no caso em pauta, na França, nação com a qual o Brasil mantém um dos mais antigos e, até hoje mais, recorrentes vínculos de cooperação acadêmica.¹

O recrutamento de pesquisadores brasileiros na França contemporânea ocorre em meio a transformações morfológicas que levaram à expansão das universidades, com a ampliação de seu público-alvo e a diversificação institucional. Transformações que também criaram as condições de existência de um espaço transnacional do ensino superior, caracterizado pela desterritorialização crescente, a intensificação da mobilidade estudantil, os *rankings* globais de classificação universitária, a aproximação entre o mundo universitário e as demandas sociais (Charle & Soulié, 2007) e, dessa forma, pela maior ingerência das lógicas econômicas (Almeida, 2008; Charle & Soulié, 2015).

Os efeitos desses processos variam, no entanto, segundo as disciplinas e os países, operando uma hierarquização dos sistemas nacionais de ensino superior que tende, no mais das vezes, a reforçar diversas desigualdades previamente existentes, como a superioridade das nações dominantes

¹ O presente artigo faz parte de uma pesquisa em curso que investiga o recrutamento de professores brasileiros não apenas na França, como também na Inglaterra e na Alemanha. Os resultados preliminares apresentados aqui concernem, todavia, apenas o caso francês.

na divisão internacional do trabalho universitário, que abrigam as universidades mais reconhecidas e consolidam, dessa forma, sua posição privilegiada nas lutas pela definição dominante da excelência acadêmica. Muito embora a contratação de universitários brasileiros também esteja inscrita num contexto de valorização da internacionalização e da diversidade, tais dinâmicas contemporâneas estão inseridas na história dos sistemas universitários nacionais e, portanto, na própria história dos Estados nacionais (Karady, 2009), pois ainda que o espaço intelectual tenha conquistado uma autonomia relativa em relação ao espaço da política, a desigualdade das histórias nacionais persiste e leva a que os recursos intelectuais também estejam desigualmente distribuídos entre as diferentes nações.

Assim, as possibilidades de reproduzir, transformar, adaptar ou até mesmo traer a herança intelectual nacional são condicionadas por estruturas históricas e sociais que podem ser apreendidas por meio das trajetórias dos agentes e de seus projetos intelectuais. Na pesquisa cujos primeiros resultados apresentamos aqui, isso implica investigar o peso da origem nacional e das tradições intelectuais difundidas nas universidades brasileiras, bem como as propriedades sociais dos acadêmicos vindos do Brasil, a fim de compreender em que medida eles podem negociar suas origens nas estratégias de inserção profissional, seja pela reivindicação, recusa ou adaptação dessa “nacionalidade” em suas escolhas intelectuais, temáticas e disciplinares.

Além disso, as relações entre a produção de conhecimento nos países centrais e periféricos devem ser compreendidas a partir das lógicas disciplinares, dado que a capacidade de internacionalização de uma disciplina varia segundo suas propriedades específicas e sociais. Assim, se a matemática, por exemplo, é uma disciplina que se presta melhor à internacionalização do que a sociologia ou o direito (Bourdieu, 2023), cabe considerar que:

Nas ciências sociais – diferentemente das ciências naturais – as tradições disciplinares nacionais determinam fortemente as práticas científicas, e notadamente as escolhas dos objetos de pesquisa. Basta mudar de país para ver transformado o espaço dos objetos próprios a cada disciplina, assim como a definição da posição relativa das disciplinas no universo acadêmico (Soulie, 2006, p. 91, tradução nossa).

Dessa forma, se cada disciplina possui um “espaço dos problemas, questões e objetos” que se transforma segundo suas estruturas internas (revoluções teóricas e metodológicas) e externas (relações de força entre estabelecimentos de ensino, faculdades, demandas sociais e modalidades de financiamento à pesquisa), há que se correlacionar as transformações internas do campo universitário às transformações globais do campo social, visto que as mudanças morfológicas podem alterar as relações de força entre as faculdades e disciplinas, bem como o tempo da carreira docente (Bourdieu, 1984).

À luz dessa discussão rapidamente sintetizada aqui, este artigo se propõe a fornecer elementos de resposta a questões como as seguintes: assiste-se a uma verdadeira abertura epistemológica, teórica e metodológica nas universidades francesas que valoriza a diversificação nacional dos seus docentes e, consequentemente, uma abertura aos pesquisadores advindos do Brasil? Ou estes são recrutados sobretudo para se ajustar à tradição intelectual e às práticas de pesquisa dominantes no país de acolhimento, acrescentando a dimensão empírica dos objetos brasileiros, mas permanecendo marginais na universidade francesa? Em que medida é possível contratar professores brasileiros, quer como porta-vozes de uma cultura, quer como força inovadora e diversificada, o que implica a abertura a práticas acadêmicas destoantes? Estas duas perspectivas convergem ou divergem em função das disciplinas?

Vê-se, pois, que a proposta é examinar as trajetórias acadêmicas e sociais percorridas pelos poucos brasileiros absorvidos por instituições francesas na grande área das ciências humanas e sociais, uma vez que elas destoam do padrão tradicional de mobilidade acadêmica que prevê o retorno ao país. No contexto das transformações que atravessam o ensino superior contemporâneo, em que a valorização da internacionalização e da diversidade enseja novas dinâmicas, mas, também, lógicas persistentes de desigualdade, busca-se apreender as condições que viabilizam ou dificultam a carreira de brasileiros nas universidades francesas à luz do posicionamento rebaixado do Brasil nas relações de força internacionais, das tradições especificamente nacionais das ciências humanas e sociais que reduzem as chances de que estrangeiros acessem tais disciplinas² e, por fim, da tradição de cooperação científica entre o Brasil e a França, marcada pelo regresso e atuação profissional no contexto brasileiro.

² Sobre as especificidades nacionais e regionais das disciplinas das ciências humanas e sociais ver também Heilbron, Sorá & Boncourt (2018).

Para tanto, apresentaremos os primeiros resultados do mapeamento dos 43 brasileiros contratados atualmente em universidades francesas, por meio de uma análise exploratória das estatísticas produzidas pelo Estado francês a respeito de todos os estrangeiros inseridos em seu sistema de ensino superior, de 21 entrevistas semidiretivas com brasileiros detentores de um cargo docente permanente na França e de seus *curricula vitae*. A fim de construir um panorama preliminar das modalidades de inserção universitária no domínio das ciências humanas e sociais, traça-se, inicialmente, um breve histórico das trocas acadêmicas entre o Brasil e a França para, em seguida, apresentar a morfologia dos estrangeiros recrutados pelas instituições de ensino superior francesas – de modo a situar os brasileiros nesse contexto – e, por fim, discutir as trajetórias acadêmicas, as propriedades sociais e as escolhas disciplinares e temáticas desses acadêmicos. Como se verá, a posição desvalorizada do país de origem (Brasil) relativamente ao de chegada (França) e o peso da tradição nacional nas ciências humanas e sociais condicionam amplamente o histórico das admissões, as especificidades dos postos ocupados e os modelos de construção da carreira acadêmica.

Breve histórico das trocas acadêmicas entre o Brasil e a França

Antes de passarmos aos dados sobre a circulação de pesquisadores brasileiros na França e de nos aprofundarmos nas questões concernentes à internacionalização contemporânea, devemos reconstituir brevemente a história dos intercâmbios acadêmicos e das cooperações científicas do Brasil com outros países, de modo a compreender a tradição de nossas circulações acadêmicas e, a partir disso, identificar as rupturas e transformações do momento presente.

Em razão da ausência de investimento em criação de instituições educacionais no Brasil durante o período colonial (1530-1822), os filhos das antigas elites foram sucessivamente formados em Coimbra, mas também na Bélgica e na França (Schwartzman & Schwartzman, 2015). Apenas após a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808) e, sobretudo, a Independência do Brasil (1822) é que começam a surgir os primeiros cursos de direito, medicina e engenharia no país. Mas mesmo com a então nova

possibilidade da formação nacional, fundamental à criação de um corpo dirigente e intelectual independente, a tradição da formação no exterior não desapareceu. Em realidade, após a Proclamação da República (1889), teve início o fomento ao intercâmbio científico com a criação do programa *Pedagogium*, que deveria funcionar como um modelo federal de reformas educacionais, prevendo cooperações com instituições estrangeiras (Cury, 2004).

Em 1931, durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), seu ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, publicou o Decreto nº 19,851/31 que versava sobre a criação de cursos de aperfeiçoamento e de especialização, determinava a pesquisa científica como objetivo principal do ensino universitário e propunha a ampliação da relação entre as instituições brasileiras e as universidades estrangeiras (Cury, 2004). Três anos depois, o Decreto Estadual nº 6.283, de 1934, que criou a Universidade de São Paulo (USP), teve uma seção dedicada às missões internacionais dos professores e determinava que parte do montante econômico do Estado de São Paulo deveria ser destinado ao financiamento de bolsas de estudo para a especialização de docentes no exterior e para a contratação, na ausência de docentes brasileiros, de “professores estrangeiros de notória competência” (Cury, 2004, p. 116), medida de contratação estrangeira que também foi incluída no Plano Nacional de Educação de 1936.

É neste contexto que as universidades brasileiras recebem a “missão francesa” (Lévi-Strauss, 1996/1955; Massi, 1991; Petitjean, 1996), mas, também, a “missão alemã” e a “missão italiana”, ou seja, a vinda de intelectuais europeus para o Brasil na década de 1930 com o objetivo de fundar os cursos das novas faculdades. Mas enquanto a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, convocou professores franceses mais velhos e com carreiras já reconhecidas no exterior, a USP admitiu jovens pesquisadores em início de carreira que estavam mais abertos a integrar o Brasil em suas pesquisas. Assim, se o currículo da universidade carioca era inspirado naquele das universidades francesas, o currículo da USP incluía a reflexão sobre o Brasil e pesquisas inovadoras quanto aos métodos, objetos e mesmo teorias. Embora a missão francesa tenha se realizado nos dois estados, não era a mesma França representada pelos seus intelectuais: no Rio de Janeiro, tratava-se da França católica e monarquista, e em São Paulo, cidade que se alçava à condição de potência econômica e cultural do país, tinha-se a França secular e democrática (Miceli, 2001; Merkel, 2023).

Essas diferenças geracionais, de agenda de pesquisa e de contexto político, que circunscrevem a inserção brasileira dos intelectuais franceses foram decisivas para determinar o que poderia ser construído institucionalmente e intelectualmente no Brasil, assim como o que Brasil poderia oferecer a esses estrangeiros, inclusive em termos de redes. No contexto de retorno desses pesquisadores à França, tais redes se consolidaram, sobretudo, na 6^a seção da École Pratique des Hautes Études, no Musée de l'Homme e na célebre revista dos Annales. Assim, se no Musée de l'Homme foi criado um centro de estudos chamado Institut Français des Hautes Études Brésiliennes, na 6^a seção da École Pratique havia um polo institucionalizado de pesquisa sobre a América Latina, o que se refletia nos Annales, em que foram publicadas resenhas sobre as obras de Gilberto Freyre e de Caio Prado Jr.

Assim como, na França, tais desdobramentos institucionais revelavam a persistência do interesse dos intelectuais franceses pelo Brasil, no contexto brasileiro, o retorno dos professores franceses também não selara o fim da presença da França na vida intelectual nacional. Em realidade, quando as universidades passaram a recrutar os egressos brasileiros para os cargos de professores³, as cooperações com a França passam a ser mediadas por eles. Assim é que o presidente e cofundador da 6^a seção da École Pratique, Lucien Febvre, vela pela manutenção dos laços franco-brasileiros no primeiro artigo publicado na revista fundada pelo Departamento de História da USP em 1950 (a Revista de História), em que reverencia o casamento feliz entre a França, um senhor idoso, com o Brasil, uma jovem mulher (Merkel, 2023, p. 259). Ao inverter o gênero dos países, ele reestabelecia, por meio da hierarquia sexual, a desigualdade de posição (social e intelectual) entre os dois países, condição da continuidade do matrimônio transatlântico bem-sucedido.

Esta breve reconstrução histórica das trocas intelectuais entre professores franceses e brasileiros na primeira metade do século XX nos ajuda a contextualizar a inserção contemporânea de pesquisadores advindos do Brasil nas universidades francesas, na medida em que tais intercâmbios fomentaram a ida de estudantes e docentes brasileiros ao exterior, o que se tornou mais recorrente nos anos 1950 e deu origem a cooperações científicas na virada dos anos 1970⁴. Nesse contexto é que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundada em 1951, anuncia como um de seus objetivos a concessão de bolsas de estudo no Brasil e no

³ Ver, para as duas primeiras gerações de brasileiros na área de sociologia da USP, Pulici (2008).

⁴ Para uma análise dos programas de internacionalização financiados pelos Estados Unidos nesse período ver, entre outros, Miceli (1995) e Canêdo (2024).

exterior, além da celebração de acordos com universidades estrangeiras. A partir de 1982, a Capes passa a avaliar os cursos nacionais de pós-graduação e a incentivar o retorno de intelectuais brasileiros ao país por meio da revalidação de diplomas estrangeiros, uma vez que a estratégia de formação no exterior buscava aprimorar as instituições de ensino superior brasileiras por meio da mobilização de conhecimento científico adquirido nos países centrais (Cury, 2004).

Em tais circunstâncias é que se amplia o público beneficiado pela mobilidade internacional que, a partir de então, não mais se restringe aos rebentos das classes dominantes, dos profissionais liberais e dos professores universitários (Brito, 2004). Não admira, assim, que Odaci Coradini destaque, em estudo sobre os professores do Rio Grande do Sul dos anos 1970 aos anos 2000, que além da origem social, as propriedades regionais, escolares e institucionais também passam a contar como recursos para estudar no exterior (Coradini, 2004). Por seu turno, Afrânio Garcia sublinha o peso determinante do contexto político e, no Brasil dos anos 1960/70, da ditadura militar, do exílio de brasileiros para a Europa, e precisamente para Paris, principal polo de recepção e formação dos exilados. Numa prova de que “o internacional pode ser uma fachada por detrás da qual se encontram realidades muito diferentes” (Saint-Martin, 2004, p. 22), Garcia mostra que, mesmo de posse de diplomas europeus, esses brasileiros se candidataram em peso aos postos abertos nas antigas colônias portuguesas na África, por estimarem bastante improváveis as chances de ingresso na carreira docente na Europa. Ademais, a possibilidade de lecionar em nações cujo idioma era o português “representava também a valorização de um patrimônio linguístico sentido por alguns como uma das razões de sua marginalização social e cultural na Europa” (Garcia, 2004, p. 250).

Como se vê, as estratégias de internacionalização não são as mesmas para os contextos nacionais de origem e de destino, dado que as chances de inserção profissional no exterior são amplamente condicionadas pela posição ocupada por cada país nos diversos e desigualmente prestigiados espaços universitários. Essa internacionalidade muito desigual se exprime claramente nas estatísticas produzidas pelo Estado francês, de que trataremos a seguir, nas quais a presença de professores-pesquisadores estrangeiros admitidos no sistema de ensino superior francês é bastante desigualmente distribuída entre as diferentes nacionalidades mundiais.

A morfologia dos estrangeiros nas universidades francesas

Para mapear os princípios de diferenciação que estruturam o sistema universitário francês contemporâneo, em que os brasileiros foram efetivamente admitidos, lançamos mão de estatísticas francesas a fim de empreender uma “descrição estrutural do espaço dos inconscientes nacionais e regionais” que, na visão de Pierre Bourdieu, leva a uma análise das “especificidades das histórias nacionais capazes de explicar essas diferenças” (Poupeau & Sapiro, 2023, p. 22). A mobilização desses indicadores quantitativos não nos impede de compreendê-los como produtos das categorias de classificação do Estado francês, muito pelo contrário, posto que revelam as propriedades específicas e os discursos oficiais de seu sistema de ensino superior.

Considerando-se que não existem dados oficiais franceses que tratem especificamente do recrutamento dos universitários brasileiros, recorremos inicialmente aos dados produzidos pelo Estado brasileiro sobre as bolsas de pós-graduação outorgadas, o que permitiu apreender um fluxo importante de brasileiros que faz sua formação no exterior. Com efeito, as contagens realizadas pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil revelam que, em 2021, 1.360.881 brasileiros viviam na Europa, o que representa 30,8% da emigração brasileira mundial (Ministério das Relações Exteriores, 2022).

Ainda quanto aos dados produzidos pelo governo brasileiro a respeito da circulação internacional de seus acadêmicos, apuramos que, mesmo não se beneficiando diretamente do programa “Ciências Sem Fronteiras”,⁵ no bojo do qual a CAPES concedeu cerca de 122.939 bolsas de estudo no exterior, as humanidades dispuseram, entre 2012 e 2015, do maior financiamento destinado à internacionalização, alcançando um total de 9.835 bolsas. Mais recentemente, em 2019, 1.064 bolsas CAPES (de um total de 7.660) foram usufruídas pelas ciências humanas e sociais no estrangeiro, cujos destinos mais recorrentes foram Portugal e França, com 183 bolsas cada um, seguidos pelos EUA com 162, Reino Unido com 105, Espanha com 100 e Alemanha com 81 bolsas.⁶ Assim, embora os Estados Unidos sejam

⁵ Programa criado em julho de 2011, durante o governo Dilma Rousseff, e encerrado em 2017.

⁶ As modalidades foram: doutorado sanduíche (com a maior parte dos recursos), professor/pesquisador visitante, graduação e mestrado sanduíche, mestrado e doutorado pleno, pós-doutorado, capacitação, assistência de ensino/pesquisa, especialização e cátedra. Fonte: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em 25 abr. 2022.

um dos destinos privilegiados pelos pesquisadores brasileiros, a Europa Ocidental permanece com a primazia das rotas de mobilidade acadêmica, tanto em termos absolutos quanto em termos relativos.

No que tange aos pesquisadores brasileiros emigrados, mobilizamos os dados oficiais produzidos pelo governo francês. É necessário, porém, fazer algumas ressalvas sobre as estatísticas a que tivemos acesso. Em primeiro lugar, quando apresentamos os dados dos brasileiros recrutados por universidades francesas, tratamos apenas daqueles que possuíam unicamente a nacionalidade brasileira no processo de recrutamento ou no ano de análise. Há, no entanto, uma parcela considerável deles que obteve a nacionalidade europeia nesse processo de emigração e que foi contabilizada como sendo de outra nacionalidade, principalmente a italiana, como demonstra Gisele Almeida (2013), ou francesa. Assim, uma parte não negligenciável dos acadêmicos brasileiros não está presente nessas estimativas oficiais, embora tenha sido incluída em nossa análise e nos dados produzidos por nós. Cabe precisar, ainda, que se optou por trabalhar aqui os dados referentes ao ano universitário de 2020-2021, por se tratar das mais recentes estatísticas detalhadas sobre os estrangeiros no ensino superior francês.

Uma primeira leitura do relatório disponibilizado pelo Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa da França faz ver que o país vem investindo em políticas de atratividade científica e favorecendo os dispositivos de recepção de pesquisadores estrangeiros, com a criação, por exemplo, do “passaporte talento” em 2016. Ademais, a Lei de Programação da Pesquisa também promoveria, em tese, a atração do país junto aos “talentos internacionais” (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 4). Tendo em vista que o recrutamento de estrangeiros teria se tornado “ao mesmo tempo uma condição e um indicador de excelência”, a lei LRU (*Libertés et Responsabilités Universitaires*) permite, desde 2007, a contratação de pesquisadores e professores em contratos de três a seis anos, ao final dos quais seriam titularizados, mimetizando o modelo de *tenure track* norte-americano (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 5-6). Nesse sentido, a criação das *chaires de professeur junior* promoveria a procura internacional, na medida em que permite que jovens pesquisadores acessem a carreira na expectativa de que, ao final do contrato de seis anos, eles sejam promovidos a professor titular, com um salário correspondente a um momento mais adiantado da carreira (p. 7).

A visão veiculada pelo documento oficial é a de que essas políticas buscam responder às demandas dos estabelecimentos que almejam ser uma *université de classe mondiale* e ocupar posições de destaque na hierarquia dos *rankings* internacionais como o Times Higher Education e Shanghai. Num momento de internacionalização crescente das universidades e da pesquisa, a presença de estudantes e docentes estrangeiros seria tomada como sinal da qualidade científica dos estabelecimentos, além de aumentar a visibilidade da França no contexto concorrencial internacional e dar mostras de que se estaria combatendo o recrutamento endogâmico das instituições do país. A esse respeito, é interessante notar que a defesa da contratação de estrangeiros é legitimada pelas práticas em voga em outros países centrais (sinonimizados com o mundo todo – “em todo lugar”), como a Inglaterra, a Alemanha e a Suíça:

Em todo lugar, as universidades agora têm a ambição de reforçar sua posição no mercado acadêmico internacional, notadamente evidenciando os professores estrangeiros. Por exemplo, em 2021, a Universidade de Oxford reivindica 45% de docentes e 62% de pesquisadores estrangeiros. Na área da pesquisa, a sociedade Max-Planck demonstra uma taxa de pesquisadores estrangeiros de 55%. A Suíça explica sua boa posição nos *rankings* internacionais pela internacionalização do recrutamento de seus professores (mais da metade são estrangeiros) e recepção de estudantes estrangeiros (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 6, tradução nossa).⁷

De posse da visão oficial do Estado francês a respeito da internacionalização universitária, podemos passar então aos dados levantados pelo Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa a respeito da admissão dos *enseignants-chercheurs* no país. Por meio deste estudo, sabe-se que, em 2022, foram contabilizados 55.130 docentes-pesquisadores com postos permanentes,⁸ dentre os quais 8% eram estrangeiros. Infelizmente, os dados de acesso público não se aprofundam sobre os estrangeiros recrutados naquele ano, razão pela qual usaremos como base o ano de 2020, para o qual foi produzido um documento para discutir o papel desses não franceses. Em 2020, eles

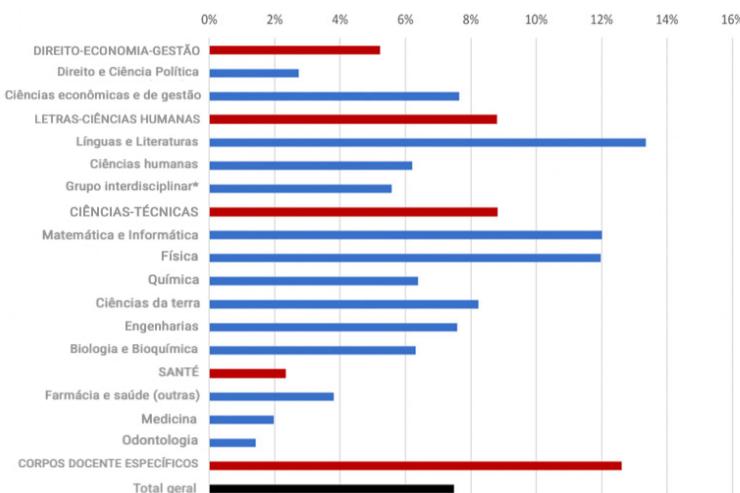
⁷ É dito ainda que, no Reino Unido, há bolsas específicas para atrair docentes-pesquisadores estrangeiros, inclusive após sua saída da União Europeia, ainda que se afirme que “os principais fatores de atratividade do país são o prestígio de que se beneficiam suas universidades, regularmente presentes no alto desses *rankings* internacionais, bem como a atratividade dos salários na profissão” (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 7).

⁸ Neste mesmo ano, havia 23.830 professores com contratos temporários (sem contar os horistas ou professores convidados).

eram 4.138 indivíduos (7% do total), dos quais três quartos fizeram a tese na França, eram majoritariamente originários de países da União Europeia, sobretudo da Itália, e estavam mais presentes nas disciplinas de línguas estrangeiras, matemática e física, e sub-representados nas áreas jurídicas e hospitalares (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 7-8).

No que concerne às disciplinas de atuação (Gráfico 1), a maior porcentagem (13%) dos estrangeiros está nas áreas de letras e literatura, o que não surpreende, visto que nelas a língua natal deixa de representar um obstáculo à integração para se tornar um trunfo. Assim é que estão em peso nas línguas estrangeiras, como os estudos germânicos e escandinavos, os estudos romanos – em que se encontra a maior parte dos brasileiros e, sobretudo, das brasileiras recrutados na França – e as línguas, literaturas e culturas africanas, asiáticas e outras, conforme a classificação do Conselho Nacional das Universidades (CNU). A segunda maior taxa (12%) remete aos recrutados em matemática e em física, áreas menos condicionadas pelas tradições nacionais (Gabrysiak, 2021), o que contrasta com a porcentagem de apenas 6% nas ciências humanas, 7% nas ciências econômicas e de gestão, 3% em direito e em ciência política e 2% nas áreas médicas.

Gráfico 1. Proporção de estrangeiros por grupo disciplinar em 2020



Fonte: Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa – Direção geral dos recursos humanos A1-1.

Nota: efetivos: 55.369 professores-pesquisadores titulares, dos quais 4.138 estrangeiros; 230 nacionalidades não foram identificadas. A disciplina Teologia foi integrada ao grupo interdisciplinar [tradução nossa].

Quando analisamos a evolução ao longo de cinco anos (entre 2015 e 2020), vemos que as ciências-técnicas recrutaram mais *maîtres des conférences*⁹ (23%) estrangeiros do que as áreas de letras-ciências humanas (14%) ou de direito-economia-gestão (12%) (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 21). Tais variações residiriam na “natureza dessas disciplinas e nas especificidades de carreira”, dada a primazia do estudo do direito francês nas universidades, que tende a favorecer o recrutamento nacional, além da exigência da *agrégation*,¹⁰ uma especificidade do modelo francês que contribuiu com a exclusão de estrangeiros por sua realização logo após o curso de graduação.

Tabela 1. Professores-pesquisadores estrangeiros por origem geográfica em 2020¹¹

Origem	MCF	PR	Total	% PR	% por origem
União Europeia	1.643	1.076	2.719	40%	66%
Europa fora da União Europeia	76	39	115	34%	3%
África do Norte	429	98	527	19%	13%
África subsaariana	119	21	140	15%	3%
América do Sul	130	35	165	21%	4%
América do Norte	79	60	139	43%	3%
Ásia do Oeste	115	16	131	12%	3%
Ásia do Leste	158	27	185	15%	4%
Oceania	5	9	14	64%	0,30%
Estrangeiros sem outra indicação	3	0	3	0%	0,10%
Total	2.757	1.381	4.138	33%	100%

Fonte: Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa – Direção geral dos recursos humanos A1-1.

Nota: efetivos = 4.138; 230 nacionalidades não foram identificadas. MCF = *Maître de conférences*; PR = *Professeur des universités*.

No que tange à origem nacional (Tabela 1), em 2020 dois terços dos professores-pesquisadores estrangeiros vêm de países da União Europeia,

⁹ No sistema de ensino superior público francês, o cargo de *maître de conférences* corresponde à categoria de entrada na carreira de docente-pesquisador universitário, que é também a que antecede a mais prestigiada posição de *professeur des universités*, condicionada à realização de uma *Habilitation à diriger des recherches* (Habilitação a dirigir pesquisas) que, por sua vez, outorga o direito de orientar teses.

¹⁰ Além de conferir um dos títulos mais prestigiosos do mundo acadêmico francês, a *agrégation* é também o mais importante concurso de recrutamento de professores do ensino secundário e superior.

¹¹ As tabelas 1,2,3,4 e 5 foram produzidas pela Direção geral dos recursos humanos A1-1 do Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa e traduzidas por nós.

dos quais um terço de italianos, seguidos pelos alemães (16%), belgas (11%) e espanhóis (9%). Apenas 4% dos professores-pesquisadores estrangeiros advêm da América do Sul e, dentre estes, os brasileiros representam 1,4% (54), dos quais somente 14 alcançaram a posição bem mais valorizada de *professeur des universités*. Se os efetivos de norte-americanos (139) são mais baixos do que os de sul-americanos (165), o mais alto e prestigiado posto de *professeur des universités* alcança a porcentagem de 43% entre os advindos da América do Norte, que é mais do que duas vezes mais alta do que aquela obtida pelos originários da América do Sul (21%).

É difícil estimar quantos são os estrangeiros que se naturalizaram franceses ao longo de suas trajetórias de migração – o que também explicaria parcialmente a menor taxa de professores titulares estrangeiros –, principalmente quando vindos de países em que a circulação e a presença nos países ricos encontram obstáculos jurídicos e administrativos, como é o caso do Brasil (Almeida, 2013). É de se esperar, também, que os oriundos de países europeus, sobretudo os que integram a União Europeia, tenham menos necessidade da naturalização, podendo estar, assim, sobrerepresentados entre os estrangeiros. Ademais, é preciso considerar, como visto, que, muitas vezes, os brasileiros – e os latino-americanos em geral – conseguem ter acesso a uma cidadania europeia, fazendo com que sejam contabilizados como europeus.

No que diz respeito às instituições do recrutamento (Tabela 2), vê-se que os professores-pesquisadores estrangeiros estão principalmente nas grandes écoles¹² (11%), em que não há a exigência da *agrégation*, e nas universidades de letras e ciências humanas (10%), seguidas pelas universidades pluridisciplinares e de saúde (6%) e pelas universidades científicas (6%) (Thomas & Tourbeaux, 2022).

É interessante notar, ainda, que as universidades de letras e ciências humanas apresentam tendências contrastantes em relação aos estudantes e professores estrangeiros, uma vez que são mais atraentes aos docentes vindos do exterior do que aos alunos, que representam apenas 4% de seu público estudantil¹³. Ao observar a evolução da presença de docentes

¹² As grandes écoles são os estabelecimentos mais distintivos do sistema de ensino superior francês, que selecionam seus docentes por meio de concurso e não fazem parte das universidades.

¹³ Contrariamente às ciências humanas e sociais, a engenharia parece dispor de mais estudantes do que de docentes internacionais. Segundo pesquisa divulgada pelo Centre d'études et de recherches sur les qualifications (Cereq), os doutores em engenharia e informática tendem a se orientar ao mercado de trabalho privado e ao setor privado da pesquisa, o que explicaria os dados apresentados na Tabela 2 (Calmand, Prieur & Wolber, 2017).

de nacionalidade estrangeira, vemos que ela se mantém estável há vinte anos, variando entre 6% e 7%, embora tenha havido uma aparente queda na representação desse grupo entre 2016 e 2017, visto que, até então, aqueles que possuíam dupla nacionalidade, sendo uma delas a francesa, eram considerados estrangeiros, mas a partir de 2017, passaram a ser considerados franceses (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 16).

Tabela 2. Professores-pesquisadores estrangeiros por tipo de estabelecimento em 2020

Tipo de estabelecimento	Efetivo de estrangeiros		% nacionalidade estrangeira	Não identificado	% estudantes em mobilidade internacional	% doutorandos
	Efetivo geral	Efetivo estrangeiro				
Estabelecimentos fusionados	1.495	18.576	8%	46	5%	5%
Universidades pluridisciplinares e de saúde	840	13.896	6%	90	5%	4%
Universidades pluridisciplinares com exceção da saúde	439	6.037	7%	5	5%	4%
Universidades científicas	330	5.137	6%	14	6%	7%
Universidade de letras e ciências humanas	432	4.543	10%	7	4%	6%
Escolas de engenheiros	259	3.299	8%	55	18%	21%
Universidade de direito e economia	144	1.946	7%	12	4%	6%
Grandes escolas e outros tipos de estabelecimentos	177	1.641	11%	1	7%	21%
Institutos de estudos políticos	22	294	7%	0	5%	11%
Total	4.138	55.369	7%	230	5%	5%

Fonte: Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa – Direção geral dos recursos humanos A1-1 e Sistema de informação de acompanhamento do estudante.

Nota: Efetivos = 55.369 professores-pesquisadores titulares, dos quais: 4.138 estrangeiros; 230 nacionalidades não identificadas.

Nota de leitura: as universidades científicas têm 6% dos estrangeiros entre seus professores-pesquisadores e 6% de seus estudantes estão em mobilidade internacional.

De acordo com o Centre national de recherche scientifique (CNRS), em 2020, 18% de seus pesquisadores eram estrangeiros, dos quais 19,5%

na posição de chargé de recherche e 17% na de directeur de recherche.¹⁴ No que se refere aos docentes nas universidades, 14% dos recrutados como MCF e professor titular entre 2015 e 2020 são estrangeiros (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 18). A diferença entre a porcentagem de MCF e de professores titulares estrangeiros (Tabela 3) pode significar que os primeiros se naturalizaram franceses ao longo dos quase dez anos que separam os dois cargos, ou que, de fato, os estrangeiros têm menos acesso ao posto de professor titular (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 19).

Tabela 3. Nacionalidade dos professores-pesquisadores recrutados de 2015 a 2020 por categoria

Corpo docente	Estrangeiros	Franceses	Total	% estrangeiros
<i>Maîtres de conférences</i>	997	5.087	6.084	16%
<i>Professeur des universités</i>	285	2.612	2.897	10%
Total	1.282	7.699	8.981	14%

Fonte: Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa – Direção geral dos recursos humanos A1-1.

Campo: professores-pesquisadores concernidos pelo decreto nº 84-431 de 6 de junho de 1984. Sem os recrutamentos por mutação e desvinculação, por concurso de *agrégation* segundo o artigo 46 3º.

Nota: efetivos – 8.981 professores foram recrutados de 2015 a 2020, dos quais 1.282 estrangeiros.

No que se refere à formação desses estrangeiros recrutados entre 2015 e 2020, o estudo do Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa revela que a maior parte deles (3/4) obteve o diploma de doutorado em uma instituição francesa, o que significa que eles foram socializados segundo os critérios de excelência e as práticas de ensino e pesquisa vigentes na França. Isso também dá a ver uma certa endogamia do ensino superior francês, que tende a recrutar um estrangeiro já adaptado aos seus princípios de hierarquização. Ainda assim, há, quanto a isso, uma diferença notável entre os estrangeiros com nacionalidade europeia e não europeia: no primeiro caso, 40% doutoraram-se no exterior, enquanto, em meio aos segundos, apenas 14% fizeram a tese fora da França, estando, portanto, integrados há mais tempo ao seu sistema de ensino superior (Tabela 4) (Thomas & Tourbeaux, 2022,

¹⁴Chargé de recherche e directeur de recherche são as duas principais categorias de pesquisadores do CNRS, sendo a segunda superior à primeira em termos materiais e simbólicos, e também a que dá o direito de orientar teses e participar de bancas de defesa. Chargé de recherche seria então uma posição homóloga a de maître de conférences nas Universidades, ao passo que directeur de recherche corresponderia a professeur des universités.

p. 23-24). Não obstante isso, os estrangeiros europeus ocupam, como visto, dois terços das vagas existentes nas universidades francesas, o que sugere que, no caso deles, a realização de um doutorado francês não constitui um *sine qua non* para a inserção profissional futura no país.

Finalmente, a diferenciação por gênero dá a ver que as mulheres estão um pouco mais bem representadas entre os estrangeiros (50%) relativamente ao total de recrutados (47%). O cenário muda, todavia, quando se olha para a categoria mais valorizada dos professores titulares, em que elas estão menos presentes do que os homens (35% contra 39%) (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 24). Nesse contexto, a área de letras e ciências humanas figura como a mais feminizada, com 60% de estrangeiras integradas ao seu corpo docente, o que corresponde a 56% do total dos recrutados (Tabela 5).

Tabela 4. Local do doutorado dos MCF estrangeiros recrutados entre 2015 e 2020 por disciplina

Disciplina	Doutorado na França	Doutorado no exterior	Total	% doutorado estrangeiro
DIREITO-ECONOMIA-GESTÃO	130	24	154	16%
Direito e Ciência política	32	1	33	3%
Ciências econômicas e de gestão	98	23	121	19%
LETRAS-CIÊNCIAS HUMANAS	259	78	337	23%
Línguas e Literaturas	149	37	186	20%
Ciências humanas	71	28	99	28%
Grupo interdisciplinar	39	13	52	25%
CIÊNCIAS-TÉCNICAS	325	160	485	33%
Matemática e Informática	127	64	191	34%
Física	12	13	25	52%
Química	20	13	25	52%
Engenharias	76	29	105	28%
Ciências da terra	67	17	84	20%
Biologia e Bioquímica	23	24	47	51%
FARMÁCIA	11	10	21	48%
Total	725	272	997	27%

Fonte: Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa – Direção geral dos recursos humanos A1-1

Campo: professores-pesquisadores concernidos pelo decreto nº 84-431 de 6 de junho de 1984. Sem os recrutamentos por mutação e desvinculação, por concurso de *agrégation* segundo o artigo 46 3º.

Nota de leitura: Dentre os 191 *maîtres de conférences* estrangeiros recrutados entre 2015 e 2020 em matemática e informática, 64 defenderam o doutorado no exterior, isto é 34%.

Tabela 5. Professores-pesquisadores estrangeiros recrutados entre 2015 e 2020
por sexo, categoria e disciplina

Disciplina	Efetivo de mulheres MCF estrangeiras	% mulheres MCF estrangeiras	% mulheres MCF	Efetivo de mulheres PR estrangeiras	% mulheres PR estrangeiras	% mulheres PR
DIREITO-ECONOMIA-GESTÃO	72	47%	49%	10	25%	49%
Direito e Ciência Política	19	58%	49%	3	75%	55%
Ciências econômicas e de gestão	53	44%	48%	7	19%	42%
LETRAS-CIÊNCIAS HUMANAS	203	60%	56%	56	47%	49%
Línguas e Literaturas	114	61%	63%	21	37%	57%
Ciências humanas	62	63%	54%	27	54%	44%
Grupo interdisciplinar	27	53%	49%	8	67%	47%
CIÊNCIAS-TÉCNICAS	215	44%	39%	32	26%	24%
Matemática e Informática	86	45%	35%	9	19%	22%
Física	11	44%	38%	4	21%	19%
Química	17	52%	40%	1	13%	33%
Engenharias	34	32%	30%	2	15%	20%
Ciências da terra	40	48%	42%	5	28%	17%
Biologia e Bioquímica	27	59%	51%	11	58%	45%
FARMÁCIA	12	57%	56%	2	50%	36%
Total	502	50%	48%	100	35%	39%

Fonte: Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa – Direção geral dos recursos humanos A1-1.

Campo: professores-pesquisadores concernidos pelo decreto nº 84-431 do 6 de junho de 1984. Sem os recrutamentos por mutação e desvinculação, por concurso de *agrégation* segundo o artigo 46 3º.

Nota: efetivos – 8.981 professores foram recrutados entre 2015 e 2020, dos quais 1.282 estrangeiros.

Nota de leitura: Dentre os *maîtres de conférences* de nacionalidade estrangeira recrutados de 2015 a 2020, 50% são mulheres, contra 48% do total dos MCF recrutados.

Ainda segundo os autores do relatório em que nos apoiamos aqui, o espaço universitário francês não é dos mais atrativos aos estrangeiros, considerando-se as condições de trabalho e o salário, não obstante a iniciativa de criação das *chaires de professeur junior*:

apesar de uma tendência global de aumento do recrutamento de professores estrangeiros nesses últimos anos (16% dos *maîtres de conférences* entre 2015 e 2020 são estrangeiros), os estabelecimentos de ensino superior adotam uma política de internacionalização de seus funcionários que parece ser menos atrativa do que aquela dos estabelecimentos estrangeiros presentes nos *rankings* internacionais ou mesmo do que aquela do CNRS (Thomas & Tourbeaux, 2022, p. 26, tradução nossa).

Nota-se, pois, que, na visão oficial do Estado, a França é um país que busca se internacionalizar, mas que ainda assim falha em atrair pesquisadores estrangeiros quando comparada aos países cujas universidades se destacam nos *rankings* internacionais. A realidade, contudo, é que os concursos para *maître de conférences* e para *professeur des universités*, bem como para as diferentes categorias de pesquisador do CNRS – ou seja, para os postos de funcionário público na carreira acadêmica – estão cada vez mais escassos e concorridos para os próprios franceses, o que representa uma dificuldade suplementar aos muitos candidatos estrangeiros que tentam, ano após ano, uma vaga em seu sistema de ensino superior.

Um projeto iniciado no Brasil

O mapeamento dos brasileiros admitidos em universidades francesas permitiu levantar 43 nomes, aos quais solicitamos uma entrevista e a indicação de outros brasileiros, segundo o método “bola de neve” (Becker, 2008). Dado que nosso trabalho de campo está em curso, as análises a seguir permanecem como hipóteses construídas com base na literatura especializada, nas primeiras 21 entrevistas e em um exame preliminar dos currículos de 43 professores e, sobretudo, professoras, visto que elas somam 33 brasileiras recrutadas no sistema de ensino superior francês. Uma das hipóteses levantadas de saída é, pois, a de que essa feminização esteja ligada à vinculação disciplinar desses acadêmicos, já que as letras e as línguas estrangeiras, áreas mais “femininas” (Mauger & Soulié, 2001, p. 23-40), são as que registram sua maior inserção profissional, como vimos.¹⁵

No que tange à trajetória escolar dos brasileiros em estudo, nota-se que 72% (n=31) fizeram a graduação no Brasil (Tabela 6),¹⁶ 37% (n=6)

¹⁵ A análise da “gênese dos interesses científicos” (Metzger-Debrune, 2023, p. 33), verificará, doravante, se a divisão de gênero das disciplinas também se exprime nas temáticas de pesquisa.

¹⁶ Dos quais sete fizeram uma segunda graduação na França.

se tornaram mestres por universidades brasileiras,¹⁷ ao passo que apenas 14% (n=6) cursaram o doutorado em território brasileiro (Tabela 7). Estes primeiros dados indicam que a construção de uma carreira docente na França tem início durante a própria formação acadêmica, sendo o doutorado francês uma exigência tácita para a inserção profissional futura, como revela o fato de que 81% (n=35) dos docentes brasileiros recrutados na França realizaram a tese em uma universidade francesa.¹⁸ Acresce que, se o valor do título de doutorado é o mais relevante para o recrutamento docente, são os títulos da graduação e do mestrado que possibilitam a realização de um doutorado nas instituições consideradas de excelência, razão pela qual levantamos também os locais e instituições em que foram realizadas essas duas etapas precedentes da formação acadêmica.

Tabela 6. Região brasileira de realização da graduação

Graduação por região	%	Efetivos
<i>Sudeste</i>	41,8	18
<i>Sul</i>	16,2	7
<i>Nordeste</i>	14	6
<i>Centro-Oeste</i>	00	0
<i>Norte</i>	00	0
<i>Exterior</i>	18,6	8
<i>Informação não encontrada</i>	9,4	4

Fonte: Elaboração própria a partir dos CVs dos professores.

Como mostra a Tabela 6, as universidades do Sudeste são responsáveis por aproximadamente 42% dos diplomas de graduação dos professores recrutados na França. Dentre eles, 11 saíram do Estado de São Paulo, notadamente da USP (n=9), 4 do Estado do Rio de Janeiro, especialmente da UFRJ (n=3) e 3 de Minas Gerais (todos da UFMG). Depois da região Sudeste, a região Sul é a que mais gradua professores brasileiros recrutados na França (n=7). O Nordeste, por sua vez, reúne 6 docentes graduados, especialmente na Universidade Federal de Pernambuco (n=2) e na Universidade Federal da Bahia (n=2). Não encontramos nenhum caso de docente graduado na região Centro-Oeste, tampouco na região Norte. Por fim, todos aqueles que se graduaram no exterior o fizeram na França (n=8).

¹⁷ Dos quais seis também fizeram um mestrado na França.

¹⁸ Dos quais sete em cotutela com o Brasil.

Sem grande surpresa, tais dados indicam que a centralidade do Sudeste – em especial de São Paulo e do Rio de Janeiro – no espaço universitário brasileiro se reproduz na assimilação de pesquisadores brasileiros em universidades francesas, o que significa que o valor nacional do diploma das universidades dessa região encontra alguma correspondência no contexto francês, quando comparado ao dos outros diplomas brasileiros. Ainda assim, de modo geral, são os graduados de universidades públicas, de diferentes estados, que parecem ter mais chances de realizar uma carreira acadêmica na França.

Subsequentemente, o mestrado figura como etapa do percurso acadêmico em que pouco mais da metade dos pesquisadores brasileiros (n=23) já investe na formação no exterior, especificamente na França. Mas a formação acadêmica realizada por excelência no exterior é o doutorado, principalmente graças ao aumento da oferta de bolsas de pesquisa para essa etapa acadêmica¹⁹. Com efeito, quase 80% dos professores brasileiros contratados no país realizaram o doutorado em uma instituição francesa, e um terço deles (11 em 35) na Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, uma das principais herdeiras da Faculdade de Letras da Universidade de Paris, existente até 1968, e onde se encontra o principal centro de estudos da América Latina na França, a saber, o Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL).

Tabela 7. País de realização do doutorado

País - Doutorado	%	Efetivos
<i>França</i>	65,1	28
<i>Brasil</i>	16,2	6
<i>Cotutela França e Brasil</i>	14	7
<i>Informação não encontrada</i>	4,6	2

Fonte: Elaboração própria a partir dos CVs dos professores.

Como podemos observar na Tabela 7, a parcela de professores brasileiros com doutorado realizado no Brasil (n=6) é pelo menos quatro vezes menor do que a daqueles que possuem um título de doutorado emitido por uma instituição francesa (n=35), quer pela realização da integralidade da tese na França, quer em cotutela com universidade brasileira.²⁰ Ademais,

¹⁹ Onze brasileiros obtiveram uma bolsa de doutorado outorgada pelo Brasil (Capes, CNPq, Fapesp etc.) e pelo menos outros seis realizaram a tese com financiamento francês; ao passo que, durante o mestrado, apenas onze brasileiros dispuseram de bolsas brasileiras ou francesas.

²⁰ Sete docentes com título de doutor francês realizaram a tese em cotutela com uma universidade brasileira, quais sejam, a USP (3), a Unicamp (1), a UFRGS (1), a UFPE (1) e a UFMG (1).

observamos que, dentre os seis docentes com diploma brasileiro, três fizeram o doutorado na USP, e os outros três em outras universidades, todas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Vemos, assim, que a vantagem estrutural do Sudeste – e precisamente da USP – na formação nacional parece dispensar, em algum grau, a formação doutoral no exterior, com seu título sendo em alguma medida validado pelo mercado acadêmico francês. Em realidade, a passagem pelo exterior durante o doutorado foi, durante muito tempo, uma forma de acumulação de capital simbólico e de uma *expertise* específica capaz de fazer frente à USP, polo nacional de emissão de diplomas de doutorado nas ciências sociais (Bordignon, 2019). Ou seja, tratava-se de uma forma de contornar a USP, sem abrir mão de um título valioso no Brasil. Pode-se supor, assim, que parte desses docentes tinha como estratégia inicial o retorno ao país e a inserção nacional, porém, com um título competitivo no contexto europeu em mãos e com a valorização da diversidade no sistema universitário contemporâneo, o *senso das ambições legítimas* (Bourdieu, 1984) se ajustara de modo a considerar a inserção na França uma possibilidade plausível.

Além do país e da instituição de realização do doutorado, a disciplina de formação dos professores brasileiros é outro fator importante para a compreensão das modalidades de acesso à docência na França. Como mostra a Tabela 8, as letras e a história constituem as áreas com maior concentração de doutores brasileiros recrutados no ensino superior francês.

Tabela 8. Áreas de realização do doutorado

Área de doutoramento	%	Efetivos
<i>Letras</i>	23,3	10
<i>História</i>	23,3	10
<i>Estudos de Civilização</i>	16,2	7
<i>Antropologia</i>	9,3	4
<i>Sociologia</i>	9,3	4
<i>Comunicação</i>	4,7	2
<i>Ciência Política</i>	2,3	1
<i>Educação</i>	2,3	1
<i>Filosofia</i>	2,3	1
<i>Psicologia</i>	2,3	1
<i>Desconhecido</i>	4,7	2

Fonte: CV dos professores; elaboração própria.

No conjunto das teses realizadas na França, aquelas inscritas na área de letras e estudos lusófonos, brasileiros ou latino-americanos (estudos civilizatórios que tratam, em regra, do Brasil e da literatura brasileira) representam 39%, e as no domínio da história 23%, ao passo que as filiadas à antropologia e à sociologia não ultrapassam 9% cada. Tais valores sugerem que o recrutamento dos brasileiros se realiza, em grande medida, em suas especificidades nacionais, quais sejam, a língua portuguesa, a literatura e a história brasileiras. O que também se exprime nos temas das teses, que tratam, em sua grande maioria, do Brasil e elegem objetos “exóticos”, isto é, distantes da tradição de pesquisa da França, tais como: espaço urbano em Minas Gerais; reprodução camponesa no Sul; cangaço no Nordeste; personalidades literárias brasileiras; gênero em São Paulo; literatura brasileira; cinema brasileiro; escravidão; profissionalização da comunicação no Brasil e na França etc.

De um lado, a escolha de objetos de pesquisa “exóticos” consiste em uma forma eficaz de acesso aos postos docentes em universidades francesas, visto que correspondem às expectativas das instituições europeias sobre os estrangeiros. Por outro lado, estudar os problemas sociais e políticos do Brasil ou do “Sul Global”, bem como a cultura brasileira ou latino-americana, também pode levar a que os docentes brasileiros reforcem sua posição periférica, pois na hierarquia social dos objetos de pesquisa, os mais teóricos e abstratos são mais legítimos, ao passo que os mais próximos às demandas sociais e especificidades nacionais são menos prestigiados, contribuindo para a desclassificação do pesquisador associado a eles (Soulié, 2006; Fringant & Ronconi, 2024). Não admira, assim, que na divisão internacional do trabalho de produção do conhecimento científico, os pesquisadores dos países centrais tendam a ser mais associados à produção e difusão de teorias, e seus homólogos dos países periféricos à aplicação empírica dessas ideias.

Outro fator importante na compreensão do recrutamento de brasileiros em universidades francesas é o departamento, centro ou faculdade de vínculo institucional, pois nem sempre a disciplina de doutoramento é a da inserção profissional. No intuito de decifrar as lógicas das reconversões disciplinares efetuadas pelos brasileiros inseridos no sistema de ensino superior francês, investigamos, então, a presença desses docentes nos departamentos tradicionais, bem como naqueles voltados às línguas e civilizações e, por fim, em centros regionais.

Gráfico 2. Departamento, centro ou faculdade de vinculação profissional



Fonte: Elaboração própria a partir dos CVs dos professores.

Conforme o Gráfico 2, cerca de 42% estão vinculados a um departamento e a uma faculdade de letras – em especial de língua portuguesa, de línguas modernas e de cultura e sociedade – e 28% a um centro de estudos internacionais, regionais ou locais – notadamente sobre o mundo ibérico, latino-americano e africano –, não por acaso áreas que valorizam temáticas “exóticas”, seja pelo idioma e a literatura produzida a partir dele, seja pela região estudada. Se a valorização da diversidade linguística e espacial torna tais áreas mais abertas aos brasileiros, não é grande o peso desses departamentos e centros no interior das faculdades e das universidades, o que também se deve, em parte, ao recrutamento social e geográfico de seus membros e estudantes.

Mesmo que a inserção profissional da maior parcela de docentes brasileiros ocorra nas letras e nos estudos internacionais, 16% deles está nos departamentos de ciências sociais, isto é, de sociologia, de antropologia e de ciência política. Malgrado isso, suas pesquisas tratam do Brasil ou de temas como desigualdades, diferenças culturais, democracia, entre outros. Acresce que, tanto os docentes das faculdades de letras, de estudos globais, regionais e locais, quanto os inseridos nos departamentos das ciências sociais fazem parte de centros de pesquisa especializados na América Latina, na África e/ou no Brasil, como o Centre de Recherches sur le Brésil Colonial et Contemporain da École de Hautes Études en Sciences Sociales.

É também digno de nota que alguns brasileiros filiados às ciências humanas e sociais adentraram programas interdisciplinares ou áreas menos consagradas do que a de sua formação. Assim, dois diplomados em história alcançaram um posto somente nas letras em uma universidade francesa. A reconversão da história para os institutos de letras, interdisciplinares ou internacionais remete às desiguais chances de acesso a cada disciplina: sendo a história ancorada nas tradições nacionais e na história nacional (Soulié, 2006), nota-se uma resistência a estrangeiros, vistos como incapazes de contribuir com a historiografia francesa, razão de sua relegação aos centros de estudos civilizatórios sobre seus próprios países. Uma vez mais, os dados nos levam a argumentar que os brasileiros que lograram se inserir em universidades francesas (46% delas em Paris) estão, no mais das vezes, restritos à produção de conhecimentos sobre o Brasil.

Propriedades sociais e estratégias profissionais

Se, como se viu até aqui, a escolha dos temas e objetos de estudo deve ser disciplinada para que os estrangeiros e, sobretudo, os “excêntricos”, isto é, originários de lugares distantes dos “centros”, não se desviam das temáticas nacionais ou “exóticas” (Casanova, 1999, p. 230),²¹ a análise dos projetos intelectuais destinados a formular ou corroborar uma ideia sobre o país de origem só se completa pelo cruzamento desses interesses com a trajetória social e acadêmica dos docentes. Dessa forma é que as entrevistas realizadas até o momento com quase metade (21/43)²² dos brasileiros inseridos no sistema de ensino superior francês buscaram apreender sobretudo as propriedades sociais e acadêmicas que lhes encorajaram a disputar um posto docente na França, bem como os contextos – nacional e estrangeiro – em que suas trajetórias se desenvolveram.

No que diz respeito à origem social, uma primeira análise permite distinguir três tipos de trajetórias, a saber, a ascendente, a estável e a descendente. Se, no primeiro caso, o entrevistado integra a primeira geração da família a realizar uma ascensão social, no segundo, ele dá continuidade a um percurso

²¹ Como também mostra Ana Paula Simioni (2022) quanto às artistas modernistas brasileiras na Paris dos anos 1920.

²² A indicação do tempo de duração, local de realização e posto do entrevistado(a) encontra-se ao final deste artigo.

familiar ascendente e, no terceiro caso, o informante experimenta o declínio social relativamente às condições de existência de seus antepassados.

O primeiro grupo, que representa mais da metade dos entrevistados (13/21), corresponde àqueles que compõem, em geral, a primeira geração da família a obter um diploma universitário e que ascenderam pelo estudo. Considerando-se que a estratificação social é um universo de continuidades, e não uma divisão precisa da sociedade em blocos estanques (Hoggart, 2009/1957), a distância social percorrida não é a mesma entre todos os ascendentes: se alguns advêm de famílias muito modestas, em que os pais eram operários, motoristas de ônibus, agricultores e pedreiros, outros são oriundos de famílias de militares de baixa patente ou de funcionários públicos de baixo escalão. Com exceção de uma pesquisadora inserida em laboratório destinado à formação de professores, todos os filhos daqueles que exercem as profissões menos valorizadas trabalham principalmente na área de português, como neste caso representativo da mais alta mobilidade social:

Meu pai é operário, torneiro mecânico, uma família oriunda de imigrantes, com um grau de pessoas iletradas e analfabetas muito elevado. Minha avó era completamente analfabeta. Então, assim, uma classe média, média baixa. Minha mãe era dona de casa. Não trabalhava, com um grau de escolaridade de um segundo ano de escola primária, e meu pai com grau de escolaridade de quarto ano de escola primária. Mas eles sempre foram muito incentivadores na questão dos estudos, tanto que minha irmã é musicista, meu irmão é engenheiro mecânico [e ele próprio se tornou *professeur des universités* em Paris], então o estudo sempre teve uma relevância muito importante dentro de casa. [...] Eu não venho de uma família de leitores, eu venho de uma família onde o livro era um objeto raro [...], a descoberta da literatura se fez pelo canal da biblioteca municipal, a biblioteca pública, e claro, pelo intermédio de uma professora que incentivou a leitura dentro de sala de aula (Entrevista nº 1).

O segundo grupo de entrevistados (5/21) não se filia a uma área de conhecimento em particular e, descendente de pais que são professores universitários e funcionários públicos de médio escalão, dá prosseguimento a uma trajetória familiar ascendente, ainda que, neste caso, o grande salto tenha sido dado pelas gerações anteriores, como ressalta este pesquisador, filho de dois professores universitários:

A minha trajetória familiar é uma trajetória muito acadêmica, e é uma família trabalhadora que fez mobilidade social por via do estudo [...]. E a minha geração já era muito marcada pelo sucesso das que tinham estudado, entendeu? [...] A universidade sempre foi minha vida, entendeu? Sempre. Eu lembro de crescer correndo pela [nome da universidade] [...]. Eu acompanho muito a melhoria de vida da minha família. Mas o grande passo foi dado na geração anterior (Entrevista nº 2).

O terceiro grupo (3/21), por fim, parece ter decaído das elites para as altas classes médias, uma vez que seus avós já eram médicos, militares de média ou alta patente e professores universitários, ao passo que seus filhos conheceram um certo recuo social, ilustrado aqui pela mudança da família de uma pesquisadora dos Jardins, bairro tradicional da elite de São Paulo, para a Granja Viana, bairro de elite localizado na periferia da cidade. Embora graduada em ciências sociais em uma universidade tida como uma das melhores no Brasil e doutora por uma instituição de alto reconhecimento na França (também nas ciências sociais), foi só depois de muitos anos que obteve um posto e, ainda assim, na área de formação de professores:

Meu avô paterno trabalhava no Banco do Brasil e ele adorava comprar fazenda, o que era um pepino porque ele tinha a fazenda, ele nunca estava [lá], não produzia, e era um..., absorvia dinheiro e todo mundo vivia na maior pendura, mas ele tinha esses desejos dele. Mas todos os filhos estudaram em escola particular [...] eu gostei muito dos colegas que eu tive na escola [...] filhos de jornalistas, filhos de médicos etc. Gente com umas casas enormes, gente bastante [...] eu já tinha colegas realmente riquíssimos, assim [...] nunca incomodou, eu vivi coisas superlegais, eu viajava pra..., amigos que tinham saveiros, casa na praia etc. Então era super, uma vida superconfortável, mas, ao mesmo tempo, não era uma gente nem arrogante, nem esnobe, a luta de classe não era muito visível, assim. [...] E aí, nesse ínterim, minha avó materna faleceu. E aí teve uma grana [...], e eles pagaram a minha viagem e tal e eu fui morar um ano no norte do estado de Nova York (Entrevista nº 3).

A análise das propriedades sociais não se restringe à origem social e tem nas alianças matrimoniais um outro fator de peso, sobretudo em se tratando de agentes que realizaram a imigração internacional. Numa prova contundente de que o vínculo matrimonial com um cidadão francês pesa na construção da carreira docente na França, apurou-se que, neste país, 15 das 17 mulheres brasileiras entrevistadas até o momento são casadas ou estão

em união estável com um francês, ou se divorciaram de um francês – as outras duas também são casadas com europeus –, e que, dentre os quatro homens brasileiros entrevistados, apenas um está em relação conjugal com uma brasileira, pois todos os outros três integram uniões franco-brasileiras. Na grande maioria dos casos, a relação matrimonial foi iniciada na França, muitas vezes durante os estudos de mestrado ou de doutorado.

Diante dessas contagens, pode-se supor que o investimento em uma carreira na França é bastante condicionado pelas decisões quanto à família que se está a construir, da mesma forma que a plena integração sociocultural na sociedade francesa – “Ele foi o grande mediador, para mim, de toda uma história da França popular, doméstica, familiar, à qual eu nunca teria acesso somente pelos livros e pela minha formação” (Entrevista nº 1) –, facilitada pelo casamento com um parceiro francófono, tende a aumentar o domínio da língua francesa e, assim, as chances de acesso ao mercado universitário francês: “Acho que a evolução, a relação com a língua, ela muda muito a partir de uma experiência privada. Quer dizer, eu tenho um marido francês, convivo com uma família francesa, as minhas filhas são educadas em uma escola francesa, como toda criança na França” (Entrevista nº 4). Nesse contexto, o fato de a família já estar estabelecida na França torna a perspectiva de buscar um cargo universitário no país mais lógica do que a de retornar ao Brasil e viver um casamento à distância.

As entrevistas realizadas com os brasileiros que lograram se inserir profissionalmente na França também chamam a atenção para as dinâmicas de gênero, já que são principalmente as mulheres brasileiras (34 vs. 9) que ocupam cargos permanentes no ensino superior do país, podendo-se pensar, quanto a isso, na regra social segundo a qual as mulheres tendem a seguir o marido, sobretudo quando este é natural de um país mais rico e desenvolvido do que o país de origem de sua esposa, como é o caso das alianças matrimoniais entre franceses e brasileiras. Assim, quando questionada sobre a intenção de ficar na França quando, para lá, partira para realizar seu mestrado, uma informante respondeu de pronto: “Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum, mas eu conheci meu marido e as coisas foram mudando”. E, depois de indagada, em seguida, se havia considerado retornar ao Brasil após anos de buscas infrutíferas por um cargo na França: “Não, porque eu já estava casada, já tinha meus filhos e eu achava que, para os meus filhos, aqui era muito melhor. [...] Eu já estava há tantos anos fora, e meu marido tinha emprego aqui. Como é que ele ia fazer lá?” (Entrevista nº 5).

Além das propriedades sociais, o estado dos mercados acadêmicos brasileiro e francês também pesa nas estratégias profissionais dos brasileiros em estudo. Com efeito, se, historicamente, eles fazem a formação no exterior para retornar em seguida ao Brasil, o aumento contemporâneo da concorrência para os cargos universitários no Brasil, além dos problemas sociais da vida cotidiana no país que registra um dos mais alarmantes índices de homicídios no mundo, podem levar a que cada vez mais brasileiros considerem uma carreira no exterior, mesmo que isso implique uma reconversão disciplinar e uma precariedade prolongada.

Assim é que, tomada a decisão de permanecer na França, a questão da temática de estudo se coloca com veemência, pois, tal como ocorre com muitos estrangeiros, suas competências devem ser adaptadas ao campo universitário do país de acolhimento. Nesse cenário, uma forma de aumentar as chances de inserção profissional reside, como visto, na escolha de temas tidos como brasileiros ou latino-americanos que incluem, entre outros clichês nacionais, a violência, a criminalidade, a pobreza, os povos indígenas, a Amazônia, assim como a literatura brasileira ou o ensino de português como língua estrangeira. O seguinte trecho ilustra bem a reconversão não apenas temática, mas, também, disciplinar de uma pesquisadora que, após obter seu título de mestrado em história na Université Paris I Panthéon-Sorbonne, inicia uma graduação em português concomitante ao doutorado em história, também realizado na França, a fim de se adequar às expectativas implícitas em relação a um acadêmico vindo do Brasil:

O meu orientador, ele falou, ele verbalizou. Ele falou: “você é latino-americana. Por isso que o seu orientador lá [na Sorbonne] não deu bola pra você né?” E ele era especialista de Brasil e ele falou: “em história, você nunca vai conseguir um posto na França, então se você quer realmente ser *maître de conférences*, você tem que ir para o mundo do português, e pra você entrar no mundo do português, você tem que ter alguma coisa, tem que ter uma formação em português” [...]. Eu acho que é uma grande questão pra mim até hoje estar no português, assim, no sentido de eu não me sentir legítima. (Entrevista nº 6).

Em razão dessas expectativas, os brasileiros devem negociar suas identidades acadêmicas entre estratégias de assimilação e de diferenciação que consistem em responder a duas injunções contraditórias, por meio da proeza de ser a um só tempo semelhantes e diferentes de seus homólogos europeus. Afinal, se o exotismo é uma exigência tácita, ser apenas um

representante de sua cultura de origem não basta, uma vez que o domínio dos princípios de hierarquização estruturantes do sistema universitário francês faz-se igualmente imprescindível.²³

Conclusões preliminares

A tentativa de contribuir com os estudos voltados ao estado atual das circulações acadêmicas entre o Brasil e a França por meio da análise dos condicionantes do recrutamento de professores brasileiros no espaço universitário francês fez ver o quanto a propalada internacionalização do ensino superior transnacional é ainda muito limitada e relativa, visto que a capacidade de os agentes se voltarem para o nacional e/ou para o internacional segue estreitamente dependente da posição ocupada pelos diferentes países no espaço internacional.

Nesse contexto, a retórica da diversidade que tem sido rentabilizada pelas universidades (Lamont, 2009; Almeida & Hey, 2018; Ronconi, 2022) também não cumpre todas as suas promessas de democratização e, no caso em pauta, de maior abertura aos pesquisadores advindos de países que não pertencem à elite dos países centrais. Ainda que os documentos e estatísticas nacionais a que tivemos acesso se esforcem em projetar a representação de uma França que tudo faz para se internacionalizar em suas políticas de recrutamento de professores e de estabelecimento de cooperações científicas, a análise detida dessa documentação mostra que o que se entende por “internacional” é, na realidade, identificado às universidades situadas no eixo econômico, político e cultural constituído pelos países da Europa Ocidental e da América do Norte, como não negam as comparações com as nações que abrigam as instituições que lideram os *rankings* universitários globais, e com as que estão em condições de oferecer as mais altas remunerações ao seu professorado (“universidades regularmente presentes no alto desses *rankings* internacionais, bem como a atratividade dos salários na profissão”), um e outro indícios bastante claros de que não se está a considerar os contextos nacionais (e, portanto, universitários) integrantes do chamado “Sul global”.

²³ Sobre esse *double bind* a que estão expostos os produtores culturais de países periféricos em suas tentativas de se fazer reconhecer nos países centrais ver: Casanova (1999), Fléchet (2013), Simioni (2022) e Pulici (2025).

Nesse cenário em que a verdadeira arena em que se joga o jogo se restringe aos universitários e às universidades dos países centrais que, em vista disso, tendem a conversar exclusivamente entre si, a origem nacional brasileira constituiu, antes de mais nada, uma “deficiência”, para falar como uma informante poliglota que, malgrado a formação europeia desde o mestrado, seguida de cinco pós-doutorados em diferentes países europeus, só alcançou a inserção profissional na França, ao cabo de uma década de tentativas, depois de se valer do estatuto de deficiente para alcançar um posto permanente, estratégia profissional que jamais teria lhe ocorrido no contexto brasileiro (“eu tinha um *handicap*, muito mais do que o físico: vir do Brasil é um *handicap*”) (Entrevista nº 7). O relato lúcido dessa acadêmica que não se curvou às reconversões temáticas e disciplinares para atender às demandas de exotismo que ainda pesam sobre os intelectuais periféricos que buscam escapar à subestimação a que estão sujeitos nos centros sugere que a atual valorização da diversidade pode, no melhor dos casos, criar um perímetro “diversificado” capaz de conferir uma visibilidade específica aos professores brasileiros, mas desde que eles saibam vincular suas agendas de pesquisa a um dos vários estereótipos do Brasil visto da França.²⁴

Mesmo que nossa análise ainda esteja em curso e só possa render todos os seus frutos uma vez terminado o exame dos critérios de excelência que regem o sistema universitário francês em que ocorrem as contratações – e de realizadas as entrevistas com os demais brasileiros que se tornaram professores na França –, os primeiros resultados mostram que as modalidades de inserção profissional desses pesquisadores não se relacionam apenas às especificidades nacionais dos mercados universitários e à hierarquia social das disciplinas. Efetivamente, se a maioria dos estudados até aqui se encontra em departamentos de letras e centros de estudos culturais, realizando pesquisas sobre o Brasil ou a língua e a literatura brasileiras, ou seja, em searas e temas em que o idioma natal e a origem nacional deixam de ser um *handicap* para se tornarem um trunfo, então é porque os condicionantes de seu recrutamento se ligam também a questões mais amplas que dizem respeito à desigualdade de posicionamento do Brasil e da França no espaço transnacional do ensino superior.

²⁴ Ver, a esse respeito, Tettamanzi (2004), Carelli (1993), Fléchet (2013).

Referências

- Almeida, Ana Maria F. de, Canedo, Letícia B., Garcia, Afrânio, & Bittencourt, Águeda Bernadete (ed.). (2004). *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Editora Unicamp.
- Almeida, Ana Maria F. de, & Hey, Ana Paula. (2018). Sociologia da educação: olhares para um campo em ascensão. In S. Miceli & C. B. Martins (org.), *Sociologia brasileira hoje II* (pp. 253-309). Ateliê Editorial.
- Almeida, Gisele Maria R. de. (2013). *Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980* [Tese de Doutorado em Sociologia].
- Becker, Howard S. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Zahar.
- Bordignon, Rodrigo da R. (2019). Trajetos escolares e destinos profissionais: o caso das ciências sociais no Brasil. *Política & Sociedade*, 18(41), 88-114. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2019v18n41p88>
- Bourdieu, Pierre. (1984). *Homo Academicus*. Minuit.
- Bourdieu, Pierre. (2023). *Impérialismes. Circulation Internationale des idées et luttes pour l'universel*. Raisons d'Agir.
- Brito, Angela. (2004). *Habitus de herdeiros, habitus escolar: os sentidos da internacionalização nas trajetórias dos estudantes brasileiros no exterior*. In: A. M. F. de Almeida et al. (ed.), *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras* (pp. 85-104). Editora Unicamp.
- Calmand, Julien, Prieur, Marie-Hélène, & Wolber, Odile. (2017). Les débuts de carrière des docteurs : une forte différenciation des trajectoires professionnelles. *Bulletin de Recherches Emploi-Formation*, Céreq, (354).
- Canêdo, Letícia B. (2024). Transmissão familiar do poder político. Ateliê Editorial.
- Carelli, Mario. (1993). *Cultures croisées. Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la découverte aux temps modernes*. Nathan.
- Casanova, Pascale. (1999). *La république mondiale des lettres*. Seuil.
- Charle, Christophe, & Soulié, Charles (org.). (2015). *La dérégulation universitaire : La construction étatisée des "marchés" des études supérieures dans le monde*. Éditions Syllepse.
- Charle, Christophe, & Soulié, Charles (org.). (2007). *Les ravages de la 'modernisation' universitaire en Europe*. Éditions Syllepse.
- Coradini, Odaci Luiz. (2004). A formação e a inserção profissional dos professores de ciências sociais no Rio Grande do Sul. In: A. M. F. de Almeida et al. (ed.), *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras* (pp. 213-240). Editora Unicamp.

- Cury, Carlos Roberto J. (2004). Qualificação Pós-Graduada no Exterior. In: A. M. F. de Almeida et al. (ed.), *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras* (pp. 107-143). Editora Unicamp.
- Engelmann, Fabiano. (2008). Estudos no exterior e mediação de modelos institucionais: o caso dos juristas brasileiros. *Revista de Sociologia e Política*, 16, 145-157. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000300011>
- Fléchet, Anaïs. (2013). *“Si tu vas à Rio...” La musique populaire brésilienne en France au XXe siècle*. Armand Colin.
- Fringant, Matthias, & Ronconi, Jéssica. (2024). The translations of Pierre Bourdieu's books on Algeria. *Practical Sense*, 1(1). <https://shs.hal.science/halshs-05365142v1>
- Gabrysiaak, Louis. (2021). Les variantes du goût universitaire : hétérogénéité des styles de vie et enjeux de transmission culturelle à l'université. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 3(238), 82-105.
- Garcia, Afrânio. (2004). O exílio político dos estudantes brasileiros e a criação das universidades na África. In: A. M. F. de Almeida de et al. (ed.), *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras* (pp. 243-256). Editora Unicamp.
- Heilbron, Johan, Sorá, Gustavo, & Boncourt, Thibaud (eds). (2018). *The Social and Human Sciences in Global Power Relations*. Palgrave.
- Hey, Ana Paula. (2008). *Esboço de uma sociologia do campo acadêmico: a educação superior no Brasil*. Edufscar.
- Hoggart, Richard. (2009/1957). *The uses of literacy: Aspects of working-class life*. Penguin.
- Karady, Victor. (2009). L'émergence d'un espace européen des connaissances sur l'homme en société: cadres institutionnels et démographiques. In: G. Sapiro (org.), *L'espace intellectuel en Europe : de la formation des États-nations à la mondialisation, XIXe-XXIe siècle* (pp. 43-68). La Découverte.
- Lévi-Strauss, Claude. (1996/1955). *Tristes Trópicos*. Companhia das Letras.
- Lamont, Michele. (2009). *How professors think: Inside the curious world of academic judgment*. Harvard University Press.
- Martins, Carlos Benedito. (2021). Reconfiguração do ensino superior em tempos de globalização. *Educação e Sociedade*, 42, e241544. <https://doi.org/10.1590/ES.241544>
- Massi, Fernanda Peixoto. (1991). *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na USP* [Dissertação de Mestrado em Antropologia].

- Mauger, Gérard, & Soulié, Charles. (2001). Le recrutement des étudiants en lettres et sciences humaines et leurs objets de recherche. *Regards sociologiques*, (22), 23-40.
- Merkel, Ian. (2023). *Termos de troca: intelectuais brasileiros e as ciências sociais francesas*. Edusp.
- Metzger-Debrune, Pierre-Emmanuel. (2023). De la division genrée du travail sociologique : Étude des résumés de thèse de sociologie (1985-2021). *Zilsel*, (13), 31-59.
- Miceli, Sergio. (2001). Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil (1930 – 1964). In: S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil* (Vol. 1, pp. 91-134). Sumaré.
- Miceli, Sergio. (1995). A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil, 1962-1992. In: S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*. (Vol. 2, 1995, pp. 341-395). Sumaré.
- Ministério das Relações Exteriores. (2022). *Comunidade brasileira no exterior*. <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/comunidade-brasileira-no-exterior-2013-estatisticas-2022>
- Petitjean, Patrick. (1996). As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo. In: Hamburger, Amélia I. et al. (orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. (pp. 259-330). Edusp.
- Pinçon, Michel, & Pinçon-Charlot, Monique. (2000). *Sociologie de la bourgeoisie*. La Découverte.
- Poupeau, Franck, & Sapiro, Gisèle. (2023). Du comparatisme structural à la sociologie des champs internationaux. In P. Bourdieu, *Impérialismes : circulation internationale des idées et luttes pour l'universel*. Raisons d'agir.
- Pulici, Carolina. (2025). La circulation internationale des goûts : La référence brésilienne dans la critique d'architecture française . *Cahiers des Amériques Latines*, (106). <https://doi.org/10.4000/14cr2>
- Pulici, Carolina. (2020). Exclusividade ou primazia das práticas mais raras: os deslocamentos multiterritoriais na socialização das classes superiores paulistas. In I. Grill & E. dos Reis, *Estudos de elites e formas de dominação* (pp. 186-211). Oikos.
- Pulici, Carolina. (2008). Entre sociólogos. Versões conflitivas da “condição de sociólogo” na USP dos anos 1950/60. Edusp.
- Ronconi, Jéssica. (2022). *O ensino jurídico em São Paulo. Persistências e mudanças na era da profissionalização e da expansão acadêmica* [Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais], Universidade Federal de São Paulo.

- Saint-Martin, Monique. (2004). Introdução. In: A. M. Almeida *et al.* (org.), *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras* (pp.17-26). Editora Unicamp.
- Schwartzman, Simon & Schwartzman, Luisa Farah. (2015). Migrations des personnes hautement qualifiées au Brésil : de l'isolement à l'insertion internationale ? *Brésil(s)*, 7, 147-172.
- Seidl, Ernesto. (2021). Caminhos que levam à Roma: recursos culturais e redefinições da excelência religiosa. *Horizontes Antropológicos*, 15(31), 263-290. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000100011>
- Simioni, Ana Paula C. (2022). *Mulheres modernistas. Estratégias de consagração na arte brasileira*. Edusp.
- Soulié, Charles. (2006). Des déterminants sociaux des pratiques scientifiques : étude des sujets de recherches des docteurs en sciences sociales en France au début des années 1990. *Regards sociologiques*, (31), 91-105.
- Tettamanzi, Régis. (2004). *Les écrivains français et le Brésil. La construction d'un imaginaire de La Jangada à Tristes Tropiques*. L'Harmattan.
- Thomas, Julien, & Tourbeaux, Jérôme. (2022). *La place des enseignants-chercheurs étrangers relevant du ministère de l'Enseignement supérieur et de la Recherche* [Documentos de Trabalho da Direção Geral de Recursos Humanos].
- Wagner, Anne-Catherine. (2007). *Les classes sociales dans la mondialisation*. La Découverte.

Entrevistas

Entrevista nº 1 (1h25min) realizada em 21 de novembro de 2023 com professor universitário na área de letras, em café na *banlieue* de Paris.

Entrevista nº 2 (02h44min) realizada em 12 de janeiro de 2024 com pesquisador de agência nacional de pesquisa na área de sociologia, em seu escritório no centro de Paris.

Entrevista nº 3 (02h02min) realizada em 19 de janeiro de 2024 com professora universitária na área da educação em sala reservada por mim no centro de Paris.

Entrevista nº 4 (1h12min) realizada em 12 de dezembro de 2023 com professora universitária em português em cafeteria de universidade na *banlieue* de Paris.

Entrevista nº 5 (1h27min) realizada em 21 de novembro de 2023 com editora de revista científica em seu escritório, na *banlieue* norte de Paris.

Entrevista nº 6 (01h42min) realizada em 01 de julho de 2024 com professora universitária em estudos civilizatórios, em café em Lyon.

Entrevista nº 7 (02h29min) realizada em 20 de janeiro de 2025 com pesquisadora de agência nacional de pesquisa na área das ciências humanas, em café em *banlieue* sul de Paris.

Recebido: 02 maio 2025.

Aceito: 30 out. 2025



Licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](#)